

O Papa e o diabo na terra do sol: tensões artísticas e midiáticas a partir de um mural¹

Leonardo Costa²

Carla de Araujo Risso³

Universidade Federal da Bahia – UFBA⁴

Resumo

O presente estudo analisa a polêmica envolvendo o mural artístico na área externa da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, que retrata uma figura papal em contato com uma figura demoníaca, gerando debates sobre a liberdade de expressão artística e intolerância religiosa. A pesquisa objetiva compreender as tensões sobre o caso, empregando metodologia qualitativa baseada em análise documental de reportagens e manifestações públicas. Fundamentada em teorias sobre arte pública contestadora (Canclini, 2005) e estética da iminência (Canclini, 2012), a investigação evidencia como intervenções artísticas em ambientes públicos podem funcionar como catalisadores de debates sobre secularização, tolerância religiosa e os limites da provocação artística, contribuindo para o entendimento dos processos de negociação de valores em sociedades plurais.

Palavra-chave: arte pública; liberdade de expressão; religião; mídia.

Em dezembro de 2024, um mural na entrada do prédio da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) causou controvérsia nas redes sociais. A obra criada pelo artista João Vasconcelos retratava a figura de um Papa, que pode ser lido como o Papa Francisco, sorrindo, sentado em um banquete ao lado de uma figura que representava o diabo e só ganhou repercussão quando um professor da instituição postou em uma rede social (Figura 1). A publicação rapidamente gerou uma onda de reações e a controvérsia foi amplificada por diferentes veículos jornalísticos de Salvador.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor da Faculdade de Comunicação e dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Póscom) e Multidisciplinar em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura) da UFBA. E-mail: leocosta@ufba.br

³ Doutora em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Faculdade de Comunicação e dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais – (PPGAV) e em Design (PPGDesign) da UFBA. E-mail: carlaarisso@gmail.com

⁴ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Figura 1: Postagem do mural em rede social



Fonte: Instagram.

Contexto

Nos últimos anos, estamos presenciando a ascensão da extrema-direita no mundo, e as universidades, como polos de desenvolvimento de Ciência e Cultura, recorrentemente sofrem ataques desse espectro político. Nesse cenário, o mural pintado na universidade mais importante da Bahia teve o condão de sensibilizar uma série de manifestações contra a sua existência.

Analisando sob a ótica da Psicanálise, a imagem do líder religioso da Igreja Católica encontra-se no território do que Freud (1934) chamaria de “tabu”, conceito ligado ao “sagrado”, expresso no âmbito das proibições e restrições. E sempre se espera que a violação de um tabu seja punida. Tendo isso em consideração, o mural em questão é uma imagem tabu para os praticantes do catolicismo e um prato cheio para políticos em busca de projeção.

A cultura de partilha efetivada pelas ferramentas digitais facilita o acesso e a disseminação de informações e ações coletivas com o uso de hashtags e vídeos virais. Isso permite às pessoas com aspirações políticas a promoção de suas agendas, engajamento com o público e mobilização de novos apoiadores para gerar pressão sobre autoridades e influenciar a agenda política.

Arte enquanto contestação

Para Canclini (2005), a arte pública contestadora representa manifestações artísticas que ocupam espaços públicos e desafiam as narrativas dominantes, instituições estabelecidas e fronteiras culturais convencionais. Ele desenvolve este conceito destacando como estas intervenções artísticas: a. funcionam como táticas de desterritorialização – deslocando símbolos de seus contextos originais e recontextualizando-os; b. operam nas zonas de fronteira entre diferentes sistemas culturais, criando hibridizações que questionam categorias rígidas (como o sagrado e o profano, no caso do mural na UFBA); c. servem como práticas micropolíticas que confrontam estruturas de poder estabelecidas e promovem o que ele chama de descoleção – a ruptura de coleções organizadas de símbolos e significados que mantêm a ordem social e cultural, e atuam como catalisadores de debates públicos sobre questões sociais, políticas e culturais que normalmente permanecem latentes.

No contexto do mural feito na UFBA, a análise a partir de Canclini permitiria entender como a justaposição de símbolos religiosos (Papa) com figuras demoníacas constitui uma intervenção artística que desestabiliza categorias estabelecidas do sagrado, provocando reações que revelam tensões entre tradição religiosa e liberdade artística num espaço público educacional.

Em *A sociedade sem relato*, Canclini (2012) aprofunda sua reflexão sobre a arte contemporânea, especialmente em relação à sua capacidade de interromper narrativas hegemônicas e criar o que ele chama de estética da iminência. O mural feito na UFBA exemplifica esta iminência ao criar uma tensão deliberada entre símbolos sagrados e profanos, colocando os espectadores em um estado de expectativa e desconforto produtivo. Para Canclini, a arte contestadora não busca consenso, mas sim estimular dissensos que evidenciam relações sociais ocultas. O confronto gerado pelo mural entre

defensores da liberdade artística e grupos de direita revela precisamente estas tensões sociais subjacentes.

Considerações finais

A análise desenvolvida à luz das teorias de Canclini, particularmente seus conceitos de arte pública contestadora e estética da iminência, permite-nos compreender como intervenções artísticas em espaços públicos funcionam simultaneamente como produtos e produtoras de dinâmicas sociais complexas.

Podemos concluir que a controvérsia gerada não deve ser interpretada como um fracasso da obra ou uma ruptura indesejável da harmonia social, mas sim como parte integral de sua função enquanto intervenção artística contestadora que cumpre seu papel ao desestabilizar consensos aparentes e estimular a reflexão crítica sobre as complexas relações entre arte, religião, política e espaço público na contemporaneidade brasileira.

Referências

CANCLINI, Néstor García. **Hybrid cultures**: strategies for entering and leaving modernity. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.

CANCLINI, Néstor García. **A sociedade sem relato**: Antropologia e Estética da Iminência. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: EDUSP, 2012.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1934.